Vigésima terceira carta

> **Sumário.** Algumas circunstâncias particulares em que o sino se faz ouvir. — De manhã, ao meio-dia e à tarde. — Depois do toque do Ângelus. — No batismo. — Na agonia. — Traço de história. — Na morte. — Na festa dos Finados. — Na elevação da missa. — Na bênção do Santíssimo Sacramento.

22 de julho.

Meu caro amigo

Em minha última carta, o sino nos disse algumas de suas importantes funções. Há outras que vou pedir-lhe que nos dê a conhecer.

Por que, querido sino, tocais o Ângelus de manhã, ao meio-dia e à tarde? Que mistérios anuncia a vossa voz? —

> *Por ordem de minha mãe, a Igreja católica, cumpro a palavra do rei-profeta: De tarde, e manhã, e ao meio dia narrallo-hei, e publicallo-hei: e elle ouvirá a minha voz.[1] À tarde, canto o começo da Paixão do Redentor do mundo, no jardim das Oliveiras; de manhã, a sua Ressurreição e, ao meio-dia, a sua Ascensão.[2] De manhã, dou o sinal do despertar, da oração e do trabalho. Ao meio-dia, advirto o homem de que a metade do dia passou e de que a sua vida não é mais que um dia. À tarde, toco o recolhimento e o repouso. Digo ao homem: Faze as tuas contas com Deus; esta noite talvez ele te peça de volta a tua alma.*

> *Ao cumprir a ordem que me foi dada de fazer ouvir a minha voz três vezes ao dia, lembro aos cristãos as recordações de um passado glorioso, essas belicosas expedições, honra eterna dos papas, que salvaram o Ocidente da barbárie muçulmana.*

Por que, ao tocar o Ângelus, esse número três que repetis três vezes, a curtos intervalos?

>

> *Toco o número três para lembrar as três pessoas da Trindade, a quem o mundo deve a Encarnação. Toco-o três vezes, em honra dos nove coros dos anjos, para convidar os habitantes da terra a bendizer com eles o seu comum benfeitor. Entre cada toque, ou melhor, entre cada suspiro, deixo um intervalo, para que a minha voz desça mais docemente aos corações e desperte mais seguramente o espírito de oração.*

Por que, depois do toque do Ângelus, fazeis explodir a vossa voz?

> *Canto uma dupla libertação. A libertação dos vivos pelo mistério da Redenção; a libertação dos falecidos pela indulgência ligada ao Ângelus. No purgatório toco uma felicidade e, a Maria, a saudação de uma alma que entra no céu. Assim o quer a Igreja da terra, cheia de ternura por sua irmã sofredora. Muitos não sabem o que quero dizer; mas os esclarecidos me compreendem e respondem ao meu chamado com o Requiescant in pace ou com o De profundis.*

Por que cantais no batismo?

> *Sou a trombeta da Igreja militante e anuncio com alegria que um novo filho lhe é dado. Convido os seus irmãos de armas a alegrar-se e a rezar por esse futuro soldado nos combates da virtude. Enquanto se escreve o seu nome nos registros da terra, canto a sua inscrição no livro do céu. Para repetir a sua glória e a infinita bondade de Deus, poderia eu não fazer ouvir a minha voz mais graciosa e mais sonora?*

Por que chorais na agonia?

> *Se as vossas alegrias são as minhas alegrias, as vossas dores não devem ser as minhas dores? Para sustentar o jovem cristão nos combates da vida, pedi as vossas orações: como não solicitá-las nas lutas da morte? Entre todas, essas lutas não são as mais terríveis e as mais decisivas?*

Nossos pais o compreenderam. Em muitas igrejas havia o sino da agonia. Quando um doente se aproximava de sua última hora, fazia ouvir a sua voz e, por toques repetidos de longe em longe, semelhantes às lentas pulsações de um pulso que vai cessar de bater, chamava todos os fiéis à oração.

Nunca esquecerei o que vi em minha juventude. Foi em Besançon, outrora cidade séria e guardiã fiel das tradições católicas. Às três horas da tarde devia ter lugar uma execução capital. Mal soa o meio-dia, o sino da agonia começa o dobre fúnebre. A esse sinal, a multidão corre às igrejas e ali reza, com fervor inabitual, pelo infeliz que, depois de sofrer o julgamento dos homens, ia comparecer ao julgamento de Deus.

Não sei que sombrio véu pairava sobre a cidade inteira. O silêncio reinava nas ruas. Só se abordava para falar do que ia acontecer e das disposições do condenado. O suplício tornava-se súplica. Tal é a impressão irresistível produzida pelo sino da agonia.

> [Ilustração: Maria, vivo ostensório de Jesus. Escultura de P. Carrier-Belleuse, igreja de São Vicente de Paulo, Paris. É privilégio e é felicidade das mães mostrar os seus filhos. Ó Maria! essa é a vossa prerrogativa, e será a vossa própria função nos céus. Pois, notai, a Igreja vo-lo faz cantar assim: *Et Jesum benedictum fructum ventris tui nobis post hoc exilium ostende*; «E Jesus, o fruto bendito do vosso ventre, depois deste exílio, mostrai-no-lo, ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria!» (*Œuvres de Mgr Pie*, 9.ª ed., t. VI, p. 450.)]

Que o sino toque na agonia, compreendes sem dificuldade, mas perguntas por que continua a tocar no trespasse e nos funerais. Escuta a resposta de nossos pais na fé:

> *O costume de tocar os sinos no trespasse e nos funerais, muito antigo na Igreja, deve-se à piedade católica. Depois de anunciar a chegada do homem à terra, o sino anuncia a sua saída do vale das dores. Há lágrimas em sua voz; pois, em nome dos defuntos, ele diz: Miseremini mei saltem vos amici mei; Tende piedade de mim, vós ao menos que fostes meus amigos; vinde rezar por mim, vinde sepultar o meu corpo; vinde acompanhá-lo à igreja, depois ao dormitório onde deve repousar até a ressurreição geral.*[3]

Notemos, meu caro amigo, que esse caridoso convite do sino não é menos útil aos vivos que aos defuntos. De um lado, é bom, diz a Escritura, entrar na casa de luto e ver a morte de perto; de outro, os deveres que o sino nos chama a cumprir contam-se entre as obras de misericórdia mais agradáveis a Deus. Testemunha a história de Tobias e dos Macabeus.

Ao som do sino juntam-se nos funerais outros usos, geralmente incompreendidos e de que aproveito a ocasião para dizer-te uma palavra.

> *Que significam — pergunta são João Crisóstomo — os cantos piedosos, os círios acesos, com que honramos a partida de nossos irmãos?*

> *Com nossos círios os acompanhamos como atletas saídos vitoriosos do combate. Por nossos cantos, damos graças a Deus por tê-los coroado, livrados dos labores da vida e postos em sua casa, ao abrigo de todo perigo.*

> *Por nossos círios acesos, professamos que suas almas estão vivas, que foram filhos da luz e que seus corpos ressuscitados se tornarão luminosos como os astros do firmamento. Enquanto isso, honramos esses corpos, que serviram à alma de instrumentos para operar o bem e triunfar de seus inimigos: que há de mais justo?*[4]

Há no ano um dia em que o toque pelos mortos se torna geral. Começado depois das vésperas de Todos os Santos, prolongado por várias horas da noite, retomado de manhã bem cedo, continua por parte do dia seguinte: é a festa dos Finados. Queres admirar mais uma vez o misterioso poder do sino? Põe-te nesse dia no cume de uma montanha, de onde poderás descobrir, na planície e no fundo dos vales, dez ou quinze aldeias.

De cada campanário sai a voz do sino. O campanário responde ao campanário, o sino ao sino. Todas essas vozes logo formam uma só voz; voz poderosa que, devolvida pelos ecos de ao redor, enche o espaço como de um mar de harmonia; voz infatigável, que ora precipita, ora modera os seus acentos, a fim de fazer penetrar mais seguramente nas almas o mesmo pensamento e a mesma oração: Tende piedade de nós, tende piedade de nós, vós ao menos que fostes nossos amigos!

O sino, nesse dia, parece uma mãe que, em sua terna solicitude, não se concede nem paz nem trégua para chamar em socorro de seus filhos infelizes e obter a sua libertação. Seria privado de todo sentimento quem, em tal circunstância, o ouvisse sem rezar pelos mortos.

Não menos solene é a função que o sino cumpre todo domingo. Não ignoras que nossas antigas catedrais, erguidas pelo gênio da fé, são encimadas por uma flecha cuja base repousa no meio do transepto. A essa flecha está suspenso o sino chamado sino da elevação.

No momento em que o Verbo eterno desce do céu e vem encarnar-se entre as mãos do sacerdote, o sino anuncia ao longe o inefável mistério. Nos países e nos séculos de fé, terias visto os guardas das casas, os pastores no campo, os viajantes no caminho, dóceis à voz do sino, prostrarem-se humildemente para adorar e agradecer Aquele que, para salvar o homem, se dignou fazer-se homem.

Nas igrejas onde não há o sino da elevação, é o sino comum que o substitui. O mesmo se dá, nas vésperas, na bênção do Santíssimo Sacramento. Quando, por respeito ao Filho de Deus presente em pessoa, sacerdotes e fiéis, todos se calam e se inclinam, só o sino faz ouvir a sua voz e diz aos cristãos ausentes:

> *O momento solene chegou. Filhos de Deus, caí de joelhos e recebei a bênção de vosso Pai celeste, bênção fecunda que jamais se recebe em vão.*

A piedade católica está tão segura disso que em certas igrejas existem fundações para fazer tocar o sino, de manhã e à tarde, nas horas de que acabo de falar.

Como é admirável o papel do sino! Dar-te a conhecê-lo é a minha felicidade. Mas hoje a hora me aperta, e só tenho tempo de desejar-te uma boa noite.

Todo teu.

Notas

[1] Sl 54.

[2] *Vespere, cum passionem suscepit; mane, cum resurrexit; meridie cum... cœlos ascendit.* (S. Hier. *In psal.* LIV.)

[3] *Usus pulsandi campanas pro defunctis in sancta Dei Ecclesia perantiquus est, christiana pietate institutus... pulsantur campanæ ut excitentur et præmoneantur nedum necessarii, sed cæteri cives, ad præstanda officia defunctis eorum opem implorantibus, ac si dicerent: Miseremini, mei, etc.* (Rocca, c. xx, p. 81; Duranti, lib. I, c. XXII, n. 4.)

[4] S. Chrysost. *Homil.* IX, *in epist. ad Hebræos*, opp., t. XII, pars prior, p. 66, n. 5, ed. Gaume; Guill. Bernard, *Com. in hæc verba*.

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:28 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:28 by Admin